

CAPÍTULO I

MISSA ESTACIONAL DO BISPO DIOCESANO

PRELIMINARES

119. A manifestação mais importante da Igreja local dá-se quando o Bispo, na qualidade de sumo sacerdote do seu rebanho, celebra a Eucaristia, mormente na igreja catedral, rodeado do seu presbitério e ministros, com a plena e activa participação de todo o povo santo de Deus.

Esta Missa, chamada «estacional», manifesta, não somente a unidade da Igreja local, mas também a diversidade dos ministérios ao redor do Bispo e da sagrada Eucaristia¹.

Para ela, portanto, se convoque o maior número possível de fieis, nela concelebrem os presbíteros com o Bispo, desempenhem os diáconos o seu ministério, exerçam os acólitos e leitores as suas funções.²

120. Esta forma de Missa deve sobretudo seguir-se nas maiores solenidades do ano litúrgico, quando o Bispo consagra o santo crisma e na Missa vespertina da Ceia do Senhor³, nas celebrações do Santo Fundador da Igreja local ou do Padroeiro da diocese, no aniversário da ordenação episcopal do Bispo, nas grandes concentrações do povo cristão e ainda na visita pastoral.

121. A Missa estacional deve ser cantada, segundo as normas da Instrução Geral do Missal Romano⁴.

122. Em regra convém que haja pelo menos três diáconos propriamente ditos: um para o Evangelho e para ministrar o altar, e dois para assistir o Bispo. Se forem mais, distribuam entre si os diferentes ministérios e pelo menos um deles dirija a participação activa dos fiéis. Se não puder haver diáconos propriamente ditos, os seus ministérios serão desempenhados por presbíteros. Estes, revestidos das vestes sacerdotais, concelebram com o Bispo, ainda que tenham de celebrar outra Missa para o bem pastoral dos fiéis.

¹ Con. Vat. II, Const. sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrossanctum Concilium*, n. 41.

² Cf. *ibidem*, nn. 26-28.

³ Cf. Missal Romano, *Instrução Geral*, nn. 157-158 a.

⁴ Cf. *ibidem*, nn. 12, 18, 19, 77, 313. Se for o caso atenda-se igualmente ao Ordo Cantus Missae, de 5 de Março de 1967, nn. 7, 16, 29-31: A.A.S. 59 (1967), pp. 302, 305, 308-309.

123. Na igreja catedral, se estiver presente o Cabido, convém que todos os cónegos concelebrem com o Bispo na Missa estacional⁵, sem com isto excluir os outros presbíteros.

Os Bispos porventura presentes e os Cónegos não concelebrantes devem apresentar-se de hábito coral.

124. Quando, por circunstâncias particulares, não se possa juntar uma Hora canónica à Missa estacional do Bispo e o Cabido tenha obrigação de coro, deve celebrar essa Hora em tempo oportuno⁶.

125. Devem preparar-se:

a) Dentro do presbitério, nos lugares respectivos:

- o Missal;
- o Leccionário;
- os textos para os concelebrantes;
- o texto da Oração Universal, tanto para o Bispo como para o diácono;
- o livro dos cânticos;
- cálice de dimensões suficientes coberto com o véu;
- (pala);
- Corporal;
- Sanguínhos;
- Bacia, jarro com água e toalha;
- Recipiente com água para ser benzida, quando ela se usar no acto penitencial;
- Bandeja para a Comunhão dos fiéis;

b) Em local conveniente:

- Pão, vinho e água (outros dons);

c) Na sacristia:

- O livro dos Evangelhos
- O turíbulo e a naveta com incenso
- A cruz que se há-de levar na procissão;
- Sete (ou pelo menos dois) castiçais com velas acesas;

⁵ Cf. Missal Romano, *Instrução Geral*, n. 157.

⁶ Cf. Liturgia das Horas, *Instrução Geral*, nn. 31^a e 93.

- Para o Bispo: bacia, jarro com água e toalha; amicto, alva, cíngulo, cruz peitoral, estola, dalmática, casula (o palio, no caso de ser metropolitana), solidéu, mitra, anel, báculo;
- Para os diáconos: amictos, alvas, cíngulos; ou sobrepelizes a serem usados sobre o hábito talar; ou outras vestes devidamente aprovadas. Os paramentos sagrados hão-de ser da cor da Missa que se celebra ou de cor festiva⁷.

CHEGADA E PREPARAÇÃO DO BISPO

126. Após a recepção, conforme o n. 79, o Bispo, ajudado pelos diáconos assistentes e pelos outros ministros, que, antes de ele chegaram, já devem estar paramentados com as respectivas vestes sagradas, tira a capa ou a murça no vestiário e, se for conveniente, também o roquete, lava as mãos, e põe o amicto, a alva, o cíngulo, a cruz peitoral, a estola, a dalmática e a casula.

A seguir, um dos diáconos impõe-lhe a mitra. A um Arcebispo, antes da mitra é-lhe imposto o palio pelo primeiro diácono.

Entretanto, os presbíteros concelebrantes e outros diáconos que não ajudam o Bispo, vestem os respectivos paramentos.

127. Estando todos preparados, aproxima-se o acólito turiferário, o Bispo impõe o incenso no turíbulo e benze-o fazendo sobre ele o sinal da cruz, tendo-lhe um dos diáconos apresentado a naveta. Seguidamente, o Bispo recebe do ministro o báculo. Um dos diáconos toma o livro dos Evangelhos, e leva-o com reverência, fechado, na procissão de entrada.

⁷ Cf. Missal Romano, *Instrução Geral*, n. 310

RITOS INICIAIS

128. Enquanto se executa o cântico de entrada, faz-se a procissão da sacristia para o presbitério, assim organizada:

— Turiferário com o turíbulo aceso;

— Outro acólito com a cruz, com a imagem do Crucificado voltada para a frente, no meio de sete ou pelo menos dois acólitos, com castiçais de velas acesas;

— Clérigos dois a dois;

— O diácono com o livro dos Evangelhos,

— Os outros diáconos, se houver, dois a dois;

— O Bispo, que avança sozinho, de mitra, levando o báculo pastoral na mão esquerda e abençoando com a mão direita;

— Um pouco atrás do Bispo, os dois diáconos assistentes;

— Por fim, os ministros do livro, da mitra e do báculo.

Se a procissão passar diante do Santíssimo Sacramento, não se pára nem se faz genuflexão⁸.

129. É de louvar que a cruz processional fique erguida junto do altar, de modo a ser a própria cruz do altar, aliás será retirada; os castiçais colocam-se junto do altar, seja na credencia, seja perto dela no presbitério; o livro dos Evangelhos depõe-se sobre o altar.

130. Ao entrarem no presbitério, todos, dois a dois, fazem inclinação profunda ao altar; os diáconos e os presbíteros concelebrantes aproximam-se do altar e beijam-no; e a seguir vão para os seus lugares.

131. O Bispo, ao chegar junto do altar, entrega o báculo ao ministro, depõe a mitra, e faz inclinação profunda ao altar, ao mesmo tempo que os diáconos e os outros ministros que o acompanham. Depois, sobe ao altar e beija-o juntamente com os diáconos⁹.

Seguidamente, depois de o acólito, se for necessário, ter de novo imposto incenso no turíbulo, incensa o altar e a cruz, acompanhado por dois diáconos.

⁸ Cf. supra, n. 71

⁹ No que se refere à maneira de incensar o altar, bem como as relíquias e imagens porventura expostas à veneração dos fiéis, cf. supra nn. 93 a 95.

Incensado o altar, o Bispo, acompanhado dos ministros, dirige-se para a cátedra pelo trajecto mais curto. Junto da cátedra, dum e doutro lado, ficam os dois diáconos de pé, prontos para ministrar ao Bispo; na falta deles, dois presbíteros concelebrantes.

132. De seguida, Bispo, concelebrante e fiéis, de pé, benzem-se ao mesmo tempo que o Bispo, voltado para o povo, diz: *Em nome do Pai*.

Depois, o Bispo, abrindo os braços, saúda o povo, dizendo: *A paz esteja convosco*, ou outra das fórmulas contidas no Missal. A seguir, o próprio Bispo, um diácono ou um dos concelebrantes pode, com palavras muito breves, introduzir os fiéis na Missa do dia¹⁰. Depois o Bispo convida ao acto penitencial, que conclui dizendo: *Deus todo-poderoso*. Se for necessário, o ministro segura o livro diante do Bispo.

Quando se utiliza a terceira fórmula do acto penitencial, as invocações são proferidas ou pelo próprio Bispo ou por um diácono, ou por outro ministro idóneo.

133. Aos domingos, em vez do costumado acto penitencial, é de louvar que se faça a bênção e a aspensão da água¹¹.

Feita a saudação, o Bispo, de pé, na cátedra, voltado para o povo e tendo diante de si um recipiente com água para benzer, trazido por um ministro, convida o povo a orar, e, após breve pausa de silêncio, profere a oração da bênção. Onde a tradição popular aconselhe se mantenha o costume de misturar o sal na bênção da água, o Bispo benze também o sal, e depois deita-o na água.

O Bispo recebe do diácono o hissopo, asperge-se a si mesmo, aos concelebrantes, ministros, clero e povo, se for conveniente, indo pela igreja, acompanhado dos diáconos. Entretanto, executa-se o canto que acompanha a aspensão.

De regresso à cátedra, e terminado o canto, o Bispo, de pé, de mãos estendidas, diz a oração conclusiva, Seguidamente, quando prescrito, canta-se ou recita-se o hino *Glória a Deus nas alturas*.

134. Após o acto penitencial, diz-se o *Kyrie*, salvo nos casos em que se tiver feito a aspensão da água ou utilizado a terceira fórmula do acto penitencial, ou as rubricas prescreverem outra coisa.

135. O *Glória* diz-se conforme as rubricas. Pode ser entoado ou pelo Bispo, ou por um dos concelebrantes, ou pelos cantores. Durante o canto, ficam todos de pé.

¹⁰ Cf. Missal Romano, *Instrução Geral*, n. 29.

¹¹ Cf. *ibidem*, Apêndice, Bênção e aspensão da água.

136. Seguidamente, o Bispo convida o povo a orar, cantando com as mãos juntas: *Oremos*; e depois de breve pausa de silêncio, de braços abertos, acrescenta a colecta, pelo livro que o ministro lhe apresenta. O Bispo junta as mãos ao concluir a oração, dizendo: *Por Nosso Senhor Jesus Cristo...*, ou outras palavras. No fim, o povo aclama: *Ámen*.

Depois, o Bispo senta-se e, habitualmente, recebe a mitra de um dos diáconos. Todos se sentam; os diáconos e os restantes ministros devem sentar-se consoante o permita a disposição do presbitério, mas de maneira a não darem a ideia de que pertencem ao mesmo grau dos presbíteros.

LITURGIA DA PALAVRA

137. Terminada a colecta, o leitor vai ao ambão; e, estando todos sentados, recita a primeira leitura, que todos escutam. No final da leitura, canta-se ou diz-se *Palavra do Senhor*, e todos respondem com a aclamação.

138. Seguidamente, o leitor desce, Todos em silêncio, meditam brevemente no que ouviram. Depois, o salmista ou cantor, ou o próprio leitor, canta ou recita o salmo numa das formas previstas¹².

139. Outro leitor profere no ambão a segunda leitura, como acima, e todos escutam sentados.

140. Segue-se o *Aleluia* ou outro canto, conforme o tempo litúrgico. Começado o *Aleluia*, todos se levantam, excepto o Bispo.

O turiferário aproxima-se e, enquanto um dos diáconos apresenta a naveta, o Bispo deita e benze o incenso, sem dizer nada.

O diácono que houver de proclamar o Evangelho, inclina-se profundamente diante do Bispo e pede a bênção em voz baixa, dizendo: *Abençoa-me, senhor*; o Bispo abençoa-o, dizendo: *O Senhor esteja no teu coração*. O diácono benze-se e responde: *Ámen*.

O Bispo depõe a mitra e levanta-se.

O diácono aproxima-se do altar; junta-se-lhe o turiferário com o turíbulo fumegante e os acólitos com as velas acesas. O diácono faz a inclinação ao altar, toma com reverência o livro dos Evangelhos e, sem fazer inclinação ao altar, levando

¹² Cf. Missal Romano, Ordenação das Leituras da Missa, Preliminares n. 20.

solenemente o livro, dirige-se para o ambão, precedido do turiferário e dos acólitos com as velas.

141. No ambão, o diácono, de mãos juntas, saúda o povo. Às palavras *Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo*, faz o sinal da cruz primeiro sobre o livro e depois sobre si mesmo na frente, nos lábios e no peito, e o mesmo fazem todos os demais. O Bispo recebe o báculo. O diácono incensa o livro e proclama o Evangelho, estando todos de pé, voltados para ele.

Terminado o Evangelho, o diácono leva o livro ao Bispo; este beija-o e diz em voz baixa: *Por este santo Evangelho*; ou então o próprio diácono beija o livro, dizendo em voz baixa as mesmas palavras. Por fim, o diácono e os outros ministros voltam para os seus lugares. O livro dos Evangelhos é levado para a credencia ou para outro lugar conveniente.

142. Todos se sentam e o Bispo, de preferência de mitra e báculo, sentado na cátedra ou noutro lugar mais adequado donde possa ser visto e ouvido mais comodamente por todos, faz a homilia. Terminada esta, guardam-se, segundo os casos, uns momentos de silêncio.

143. Finda a homilia, salvo quando se siga a celebração dalgum rito sacramental ou consecratório, ou alguma bênção, conforme o Pontifical ou o Ritual Romano, o Bispo depõe a mitra e o báculo, levanta-se, e, estando todos de pé, canta-se ou recita-se o Símbolo, segundo as rubricas.

Às palavras *E encarnou*, todos se inclinam; genuflectem, porém, no Natal e na Anunciação do Senhor¹³.

144. Recitado o Símbolo, o Bispo, de pé, na cátedra, de mãos juntas, faz a monição a convidar os fiéis à Oração Universal. Em seguida, um dos diáconos, um cantos, um leitor ou outra pessoa, do ambão ou doutro lugar conveniente profere as intenções, e o povo participa na parte que lhe compete. Por fim, o Bispo, de braços abertos, diz a oração conclusiva.

¹³ Cf. Missal Romano, Instrução Geral, n. 98

LITURGIA EUCARÍSTICA

145. Terminada a Oração Universal, o Bispo senta-se, de mitra. Os concelebrantes e o povo sentam-se também. Executa-se, então, o canto do ofertório, o qual se prolonga pelo menos até os dons terem sido depositos no altar.

Os diáconos e os acólitos colocam no altar o corporal, o sanguinho, o cálice e o Missal.

Em seguida, apresentam-se as oferendas. Convém que os fiéis manifestem a sua participação, apresentando o pão e o vinho para a celebração da Eucaristia, e mesmo outros dons para ocorrer às necessidades da Igreja e dos pobres. As ofertas dois fiéis são recebidas em lugar adequado pelo diácono ou pelo Bispo. O pão e o vinho são levados para o altar pelos diáconos; as outras ofertas para lugar conveniente previamente preparado.

146. O Bispo vai para o altar, depõe a mitra, recebe do diácono a patena com o pão e, segurando-a com ambas as mãos um pouco elevada acima do altar, diz em voz baixa a fórmula correspondente. Em seguida, depõe a patena com o pão sobre o corporal.

147. Entretanto, o diácono deita o vinho e um pouco de água no cálice, dizendo em voz baixa: Pelos mistério desta água¹⁴. Depois, apresenta o cálice ao Bispo, o qual, segurando-o com ambas as mãos um pouco elevado acima do altar, diz em voz baixa a fórmula prescrita, e depois coloca-o sobre o corporal; o diácono cobre-o eventualmente com a pala.

148. Depois, o Bispo, inclinado a meio do altar, diz em voz baixa: *Em humildade e contrição*.

149. A seguir, o turiferário aproxima-se do Bispo, e este, apresentando-lhe o diácono a naveta, impõe o incenso e benze-o; depois, o Bispo recebe o turíbulo das mãos do diácono e incensa as oblatas,¹⁵ o altar e a cruz, como no principio da Missa, acompanhado do diácono. Feito isto, todos se levantam, e o diácono, postado ao lado do altar, incensa o Bispo, de pé, sem mitra, depois os concelebrantes e, a seguir, o povo. Haja o cuidado de que a admoção Orai, irmãos e a Oração sobre as oblatas não sejam proferidas antes de terminada a incensação.

¹⁴ O diácono pode fazer a preparação do cálice, isto é, a infusão do vinho e da água, na credencia. Cf. Missal Romano, *Instrução Geral*, n. 133.

¹⁵ Quanto ao modo de incensar as oblatas, cf. supra nn. 91-93

150. Incensado o Bispo, e estando de pé, sem mitra, ao lado do altar, aproximam-se os ministros com o jarro da água, a bacia e a toalha, para lavar e enxugar as mãos. O Bispo, lava e enxuga as mãos. Se for conveniente, um dos diáconos tira o anel ao Bispo, o qual lava as mãos, dizendo em voz baixa: *Lavai-me Senhor*. Enxugadas as mãos e retomado o anel, o Bispo volta ao meio do altar.

151. Voltando-se para o povo, o Bispo abre e junta as mãos, e convida o povo a orar, dizendo: *Orai, irmãos*.

152. Depois da resposta *Receba o Senhor*, o Bispo abre os braços e canta ou recita a Oração sobre as oblatas. No fim, o povo aclama: *Ámen*.

153. Seguidamente, o diácono, tira o solidéu ao Bispo e entrega-o ao ministro. Os concelebrantes aproximam-se do altar e colocam-se à volta dele, de modo, porém que não impeçam o desenrolar dos ritos e os fiéis possam ver a acção sagrada.

Os diáconos fiam atrás dos concelebrantes, para, quando for necessário, um deles ministrar ao cálice ou ao Missal. Ninguém se coloque entre o Bispo e os concelebrantes, nem entre os concelebrantes e o altar.

154. O Bispo dá início à Prece Eucarística, recitando o Prefácio. Abrindo os braços, canta ou diz: *O Senhor esteja convosco*. Ao prosseguir: *Corações ao alto*, eleva as mãos; e, de braços abertos, acrescenta: *Demos graças ao Senhor, nosso Deus*. Depois de o povo responder: *É nosso dever*, o Bispo continua o Prefácio; concluído este, junta as mãos e, com os concelebrantes, ministros e povo, canta: *Santo*.

155. O Bispo continua a Prece Eucarística, segundo os nn. 171-179 da Instrução Geral do Missal Romano e as rubricas próprias de cada uma das Preces. As partes a proferir por todos os concelebrantes simultaneamente, de braços abertos, devem ser recitadas em voz submissa, de modo que a voz do Bispo se possa ouvir distintamente. Nas Preces Eucarísticas I, II, e III, o Bispo depois das palavras: *o nosso Papa N.*, acrescenta: *e comigo vosso indigno servo*; na Prece Eucarística IV, depois das palavras: *o nosso Para N.*, acrescenta: *de mim, vosso indigno servo*.

Um dos diáconos deita incenso no turíbulo, e incensa a hóstia e o cálice a cada elevação.

Desde a epiclese até à elevação do cálice, os diáconos permanecem de joelhos.

Depois da consagração, o diácono, se for conveniente, cobre novamente o cálice e a píxide. Dito pelo Bispo: *Eis o mistério da fé*, o povo profere a aclamação.

156. As intercessões especiais, mormente na celebração dalgum rito sacramental, consecratório, ou de bênção, far-se-ão de harmonia com a estrutura de cada Prece Eucarística, utilizando os formulários que vêm no Missal ou nos outros livros litúrgicos.¹⁶

157. Na Missa crismal, antes de o Bispo dizer: *Por Ele, Senhor, criais*, na I Prece Eucarística, ou antes da doxologia *Por Cristo* nas restantes Preces Eucarísticas, benze-se o óleo dos enfermos, como vem no Pontifical Romano, a não ser que, por motivos pastorais, esta bênção se faça a seguir à liturgia da palavra.

158. À doxologia final da Prece Eucarística, o diácono, pondo-se ao lado do Bispo, eleva o cálice, enquanto o Bispo eleva a patena com a hóstia, até que o povo tenha dita a aclamação *Ámen*. A doxologia final da Prece Eucarística é proferida ou pelo Bispo sozinho ou por todos os concelebrantes juntamente com o Bispo.

159. Terminada a doxologia da Prece Eucarística, o Bispo junta as mãos e formula o convite à Oração dominical, a qual todos a seguir cantam ou recitam. Entretanto, o Bispo e os concelebrantes mantêm os braços abertos.

160. O *Livrai-nos, Senhor*, só é dito pelo Bispo, com os braços abertos. Os presbíteros concelebrantes, juntamente com o povo, proferem a aclamação final: *Vosso é o Reino*.

161. Depois, o Bispo diz a oração: *Senhor Jesus Cristo, que dissestes*; terminada esta, anuncia a paz, voltado para o povo, dizendo: *A paz do Senhor esteja sempre convosco*. O povo responde: *O amor de Cristo nos uniu*. Se for conveniente, um dos diáconos convida à paz, dizendo, voltado para o povo: *Saudai-vos na paz de Cristo*. O Bispo dá a paz aos dois concelebrantes que estão ao lado dele, e depois ao primeiro dos diáconos. E todos, consoante os costumes locais, se dão mutuamente a paz e a caridade¹⁷.

¹⁶ As intercessões especiais do Missal Romano são:

1. Na Oração Eucarística I:
 - a) No «memento» dos vivos: pelos padrinhos, celebração dos escrutínios (MR, Missas Rituais, I) e o ministrar o baptismo (MR, Missas Rituais, I)
 - b) «Hanc igitur», «Aceitai benignamente»: pelos que vão ser baptizados (MR, Missas Rituais, I); pelos neófitos (MR, Missas Rituais, I); pelos crismados (MR, Missas Rituais, I); pelos diáconos, presbíteros, e bispos ordenados (MR, Missas Rituais, II); pelos esposos (MR, Missas Rituais, IV); pelas virgens consagradas (MR, Missas Rituais, IV); pelos religiosos professos (MR, Missas Rituais, VII); na Dedicção da igreja (MR, Missas Rituais, VIII).
2. Nas outras Orações Eucarísticas: pelos defuntos, nas Orações II e III (Ord. Da Missa); pelos neófitos (MR, Missas Rituais I); pelas virgens consagradas (MR, Missas Rituais, VI); pelos religiosos professos (MR, Missas Rituais, VIII).

¹⁷ Quanto ao modo de dar a saudação da paz, cf. supra, nn. 99-103.

162. O Bispo dá início à fracção do pão, que alguns presbíteros concelebrantes continuam; entretanto, repete-se *Cordeiro de Deus*, as vezes que for necessário, a acompanhar a fracção do pão. O Bispo deita no cálice a partícula da hóstia, dizendo em voz baixa: *Esta união*.

163. O Bispo diz em voz baixa a Oração antes da Comunhão, genuflecte e pega na patena. Os concelebrantes, um após o outro, aproximam-se do Bispo, genuflectem e recebem dele reverentemente o Corpo de Cristo, que seguram com a mão direita, pondo por baixo a esquerda,¹⁸ e voltam para os seus lugares. Os concelebrantes podem também deixar-se estar nos seus lugares e aí tomar o Corpo de Cristo.

Depois o Bispo toma a hóstia e, levantando-a um pouco acima da patena, diz, voltado para o povo: *Eis o Cordeiro de Deus*; e continua com os concelebrantes e o povo: *Senhor, eu não sou digno*.

Enquanto o Bispo comunga o Corpo de Cristo, começa o canto da Comunhão.

164. O Bispo, depois de tomar o Sangue do Senhor, entrega o cálice a um dos diáconos e distribui a Comunhão aos diáconos e aos fiéis.

Os concelebrantes aproximam-se do altar e tomam o Sangue do Senhor, que os diáconos lhes apresentam, limpando o cálice com um saquinho depois da comunhão de cada concelebrante.¹⁹

165. Terminada a distribuição da Comunhão, um dos diáconos consome o resto do Sangue, leva o cálice para a credencia e aí, imediatamente depois da Missa, o purifica e o compõe. Entretanto, outro diácono ou um dos concelebrantes leva para o sacrário as partículas consagradas que tiverem sobrado, e, na credencia, purifica a patena ou a píxide sobre o cálice, antes de o purificar.

166. Regressado à cátedra, após a Comunhão, o Bispo retoma o solidéu e, se for necessário, lava as mãos. Estando todos sentados, pode guardar-se um silêncio sagrado durante um espaço de tempo, ou executa-se um cântico de louvor ou um salmo.

167. Depois, o Bispo, ou de pé na cátedra, enquanto um ministro segura o livro, ou voltando ao altar com os diáconos, canta ou recita: *Oremos*; e, de braços abertos,

¹⁸ Nota da edição portuguesa: Assim é uma venerável tradição cristã. Mas, em observação de uma nota da Congregação do Culto Divino, publicada em 3 de Abril de 1985, acrescenta-se: «De facto, convém aconselhar os fiéis que é preferível colocar a mão esquerda sobre a direita, para poder tomar facilmente a hóstia com a mão direita e levá-la à boca».

¹⁹ Cf. Missal Romano, Instrução Geral, nn. 201-206, onde também se descrevem outros modos de distribuir a Comunhão sob as duas espécies.

acrescenta a Oração depois da Comunhão, a qual pode ser precedida de um breve silêncio, se o não tiver havido logo após a Comunhão. No fim da oração, o povo aclama: *Ámen*.

RITOS DE CONCLUSÃO

168. Terminada a Oração depois da Comunhão, se houver breves avisos a fazer ao povo, façam-se neste momento.

169. Por fim, o Bispo recebe a mitra e, abrindo os braços, saúda o povo, dizendo: O Senhor esteja convosco; o povo responde: Ele está no meio de nós. Um dos diáconos pode dirigir ao povo o convite: Inclinaí-vos para receber a bênção, ou outra fórmula de sentido idêntico. E o Bispo dá a bênção solene, usando a fórmula adequada de entre as que vêm no Missal, no Pontifical ou no Ritual Romano. Enquanto profere as primeiras invocações ou a prece, mantém as mãos estendidas sobre o povo, e todos respondem: *Ámen*. Depois recebe o báculo,²⁰ e diz: *Abençoe-vos Deus todo-poderoso, e, fazendo um tríplice sinal da cruz sobre o povo, acrescenta: Pai, Filho e Espírito Santo.*

O Bispo pode também dar a bênção usando uma das fórmulas que vêm mais adiante nos nn. 1120-1121.

Quando, segundo as normas do direito, dá a bênção apostólica, esta é dada na vez da bênção habitual; é anunciada pelo diácono e proferida com as fórmulas próprias.²¹

170. Dada a bênção, um dos diáconos despede o povo dizendo: *Ide em paz...*; e todos respondem: *Graças a Deus*. Depois, o Bispo beija normalmente o altar, e faz-lhe a devida reverência. Os concelebrantes e todos os demais que estão no presbitério saúdam o altar, como no princípio, e voltam processionalmente à sacristia, pela mesma ordem que vieram.

Ao chegar à sacristia, todos, juntamente com o Bispo, fazem inclinação à cruz. Depois os concelebrantes saúdam o Bispo e depõem cuidadosamente as vestes nos seus lugares. Os ministros saúdam igualmente o Bispo ao mesmo tempo, depõem todas as coisas de que se serviram na celebração acabada de realizar e, a seguir, tiram as vestes.

²⁰ Cf. S. Congr. Dos Ritos, Instr. Sobre a simplificação dos ritos e insígnias pontificais, Pontificales ritus, de 21 de Junho de 1968, n.36: A.A.S. 60 (1968), p.411.

²¹ Quanto ao rito e fórmulas da bênção apostólica, cf adiante nn. 1122-1126.

Haja da parte de todos cuidado em guardar silêncio, numa atitude de comum recolhimento e de respeito para com a santidade da cada de Deus.

